

# UM GRITO NO AR

Comunicação e Criminalização dos  
Movimentos Sociais



Organizadoras

Elen Geraldes  
Janara Sousa  
Ruth Reis  
Vanessa Negrini



Universidade de Brasília



# Um grito no ar

*Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais*

---

## **Organizadoras**

Elen Cristina Geraldês | Ruth de Cássia dos Reis

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa | Vanessa Negrini



Copyright © 2017 by FAC-UnB

**Foto Capa** Daniel Castellano (Gazeta do Povo)  
**Agradecimentos** Ângela Alves Machado  
**Diagramação** LaPCom  
**Apoio** Lizely Borges



**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB**

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,  
Brasília - DF, CEP: 70910-900, Telefone: (61) 3107-6627  
E-mail: fac@unb.br

**DIRETOR**  
Fernando Oliveira Paulino

**VICE-DIRETORA**  
Liziane Guazina

**CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO**

Dácia Ibiapina, Elen Geraldes, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e  
Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)**

César Bolaño (UFS), Cíclia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard  
Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti  
(UFSC).

**CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)**

Delia Crovi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo  
Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng  
(Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

**SECRETARIA EDITORIAL**

Vanessa Negrini

Catálogo na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica

---

S725m

Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais /  
organizadores, Elen Cristina Geraldes... [et al.] – 1. ed. – Brasília: FAC-UnB, 2017.  
344 p.; 21,59x27,94cm.

ISBN 978-85-93078-24-8

1. Comunicação. 2. Movimentos sociais. I. Título.

---

CDD: 305.4

CDU: 305-055.2

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO PARA A FAC-UNB.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte e os autores.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ALEXANDRE MARCELO BUENO.....</b>	<b>9</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS SIMULACROS	
<b>ANA JÚLIA RIBEIRO .....</b>	<b>26</b>
A MÍDIA QUER NOS COLOCAR PARA BAIXO	
<b>ANINHO MUCUMDRAMO IRACHANDE .....</b>	<b>30</b>
IDENTIDADE, REIVINDICAÇÕES E DIÁLOGO	
<b>BEATRIZ VARGAS RAMOS GONÇALVES DE REZENDE .....</b>	<b>34</b>
EM DEFESA DA REGULAÇÃO DA MÍDIA	
<b>BRUNELA VINCENZI.....</b>	<b>47</b>
PELAS NARRATIVAS DOS REFUGIADOS	
<b>CARLA CERQUEIRA.....</b>	<b>52</b>
MARCAS DA DITADURA EM PORTUGAL	
<b>CAROLINE KRAUS LUVIZOTTO .....</b>	<b>59</b>
LUTA ÁRDUA, PENOSA E DURADOURA	
<b>CICILIA M.KROHLING PERUZZO .....</b>	<b>65</b>
MOVIMENTOS POPULARES ENTRE A OMISSÃO, A SUPERFICIALIDADE OU A CRIMINALIZAÇÃO DA MÍDIA	
<b>CLAUDIA SANTIAGO GIANNOTTI .....</b>	<b>71</b>
SÍNDROME DO PENSAMENTO ÚNICO	
<b>DÁRIO BOSSI.....</b>	<b>76</b>
DIREITOS AMBIENTAIS SÃO DIREITOS HUMANOS	
<b>DEOLINDA CARRIZO .....</b>	<b>90</b>
A IMPORTÂNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	
<b>EDNA CALABREZ MARTINS.....</b>	<b>94</b>
ENFRENTAMENTO DA INVISIBILIDADE DAS MULHERES	
<b>ERIKA CAMPELO.....</b>	<b>108</b>
DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS SOBRE AS MINORIAS	
<b>FRANCESCA GARGALLO.....</b>	<b>119</b>
FEMINISMO COMO AÇÃO POLÍTICA	
<b>FREI SERGIO ANTONIO GÖRGEN .....</b>	<b>134</b>

TEMOS UMA CAUSA E NELA ESTÁ A NOSSA FORÇA	
<b>GIOVANNI FELIPE ERNST FRIZZO</b> .....	<b>142</b>
VALORIZAÇÃO DA IMPRENSA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<b>JOSÉ CARLOS DO NASCIMENTO GALIZA</b> .....	<b>150</b>
CONVENCER A SOCIEDADE DE QUE NOSSAS PAUTAS SÃO VÁLIDAS	
<b>JOSÉ VALDIR MISNEROVICZ</b> .....	<b>157</b>
VALE A PENA LUTAR E SE ORGANIZAR	
<b>KEILA SIMPSON</b> .....	<b>166</b>
CIDADANIA DAS PESSOAS TRANS	
<b>LAM MATOS</b> .....	<b>173</b>
PRESSA DE VIVER DE FORMA DIGNA	
<b>LYDIA ALPIZAR</b> .....	<b>179</b>
DEFENDER AS DEFENSORAS DOS DIREITOS HUMANOS	
<b>MÁRCIO ZONTA</b> .....	<b>193</b>
EMANCIPAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA	
<b>MARCOS WILLIAN CAMPOS DE OLIVEIRA</b> .....	<b>197</b>
QUEBRANDO A BLINDAGEM DA MÍDIA TRADICIONAL	
<b>MARIA EDUARDA DA ROCHA MOTA</b> .....	<b>206</b>
TRABALHO DE BASE E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA	
<b>MARIA LUCIA LOPES DA SILVA</b> .....	<b>217</b>
RESISTÊNCIA AO PROJETO NEOLIBERAL	
<b>MARINA POGGI</b> .....	<b>232</b>
LA SOCIEDAD EN RED ACTUALIZA LOS MOVIMIENTOS SOCIALES E SUS LUCHAS	
<b>MIGUEL STEDILE SOLANGE ENGELMANN IRIS PACHECO</b> .....	<b>242</b>
COMUNICAÇÃO E ORGANICIDADE DO MST	
<b>MÔNICA CUNHA</b> .....	<b>259</b>
NÃO SE PODE MATAR NOSSOS FILHOS E NOS MANTER CALADAS	
<b>OMAR CERRILLO GARNICA</b> .....	<b>265</b>
ATIVISMO DIGITAL NO MÉXICO	
<b>PRISCILA GAMA</b> .....	<b>272</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS CONTRA O RACISMO	
<b>RAFAEL FORTES</b> .....	<b>277</b>

AI DE QUEM QUEBRAR A VIDRAÇA DE UM BANCO	
<b>RENATO JANINE RIBEIRO</b> .....	<b>288</b>
A POLÍTICA PRECISA DE DIÁLOGO	
<b>ROMERO JÚNIOR VENÂNCIO SILVA</b> .....	<b>298</b>
A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ PRÓPRIA DOS TRABALHADORES	
<b>ROUSILEY CELI MOREIRA MAIA</b> .....	<b>305</b>
DESAFIOS DOS ATIVISTAS EM AMBIENTES SOCIAIS INTERCONECTADOS	
<b>TÂNIA CRISTINA CRUZ</b> .....	<b>311</b>
HOJE É MAIS DIFÍCIL DILUIR OU VIOLENTAR DIREITOS POPULARES	
<b>TÂNIA MARIA SILVEIRA</b> .....	<b>316</b>
QUALQUER GRITO NO AR É UM INCENTIVO	
<b>THIAGO APARECIDO TRINDADE</b> .....	<b>325</b>
MOMENTO DE REARTICULAÇÃO E REAGRUPAMENTO DA ESQUERDA	
<b>VAGNER FREITAS</b> .....	<b>337</b>
SER VISÍVEL É QUESTÃO CENTRAL	
<b>A CAPA</b> .....	<b>342</b>
<b>AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>343</b>

*“E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos”,*

*PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)*

---

*“Desse modo, parece-me que os Movimentos Sociais, em toda a sua diversidade de pauta, têm como principal elemento a transformação dos valores da sociedade”*

---

**ALEXANDRE MARCELO BUENO**

## **Movimentos sociais e seus simulacros**

Marcos Rogério Martins Costa<sup>1</sup>

*Linguista pela Universidade de São Paulo, realizou seu mestrado e doutorado em Semiótica e Linguística Geral na mesma instituição. Fez estágio de doutorado-sanduíche na Université Paris 8. Foi professor visitante da Universidade Nacional de Timor-Leste (UNTL), onde ministrava aulas de língua portuguesa e, nas horas vagas, procurava conhecer as diversidades política, cultural e linguística do país. Cumpriu estágio de pós-doutorado no Centro de Pesquisa Sociosemiótica (CPS) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente, é professor colaborador do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN). Organizador (com Oriana de Nadai Fulaneti) dos livros “Linguagem e Política” (dois volumes). Suas pesquisas são direcionadas para os temas da imigração, intolerância linguística e sociosemiótica. Mais recentemente, está interessado em questões da política contemporânea e do universo lusófono. Em tempos de crise das instituições políticas, sociais e culturais, estudiosos das humanidades devem ser convocados por diversas razões. Dentre eles, destaca-se o pesquisador da língua(gem), que tem como função desvelar o sentido, isto é, perscrutar as relações simbólicas e semissimbólicas que são construídas no dito, a partir das maneiras de dizer. Logo, semelhantemente aos poetas, como diria Carlos Drummond de Andrade, o estudioso das teorias do texto e do discurso “penetra surdamente no reino das palavras”.*

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Desenvolve um estudo sobre as manifestações populares de rua, em especial os protestos das Jornadas de Junho de 2013, a partir de um viés semiótico. E-mail: marcosrmcosta15@gmail.com

*Qual o papel dos Movimentos Sociais na atualidade? Houve mudanças nos últimos tempos? Cite exemplos.*

Atualmente, os diversos Movimentos Sociais organizados têm um papel fundamental de resistência e enfrentamento ao novo grupo político que chegou ao poder por meios, no mínimo, questionáveis. Esse grupo que está agora no governo trouxe consigo um conjunto de propostas que retira direitos políticos, sociais, culturais e trabalhistas de grupos sociais desfavorecidos, e não mexe nos privilégios dos mais abastados. Em suma, os Movimentos Sociais lutam para evitar o retrocesso do País. Intrínseca a essa postura de enfrentamento, os Movimentos Sociais continuam a lutar pelo que lhes é de direito: habitação, terra para plantar, reconhecimento identitário, educação, transporte, direitos básicos de acesso à cidadania, igualdade de oportunidades, entre outras pautas igualmente importantes.

Considero que houve mudanças profundas nos Movimentos Sociais se tomarmos, como ponto de partida, os sindicatos, que se formaram durante o período da ditadura como Movimentos Sociais. Circunscritos a uma concepção de luta de classes e da busca por melhorias nas condições de trabalho (como melhores salários), os sindicatos foram também igualmente importantes no processo de redemocratização do País. No entanto, em tempos mais recentes, ao lado dos sindicatos, surgiram outros Movimentos Sociais cujas pautas englobam sujeitos ainda mais espoliados pela sociedade e pelo Estado: são os movimentos dos sem-teto e dos sem-terra. Esses movimentos contam com uma organização semelhante à dos sindicatos: realização de assembleias para discussão e votação de pautas e planejamento de ações, lideranças centralizadas e descentralizadas, comunicação entre agrupamentos localizados em espaços distintos (na cidade e no campo), entre outras características.

Em tempos mais recentes, vimos o surgimento de outros Movimentos Sociais que buscam o reconhecimento identitário, a igualdade de gênero, o respeito à sexualidade alheia, o transporte gratuito, políticas de cotas para a população negra, e assim por diante. Nesse sentido, houve um grande avanço nos últimos governos eleitos democraticamente em âmbito federal, a despeito das limitações produzidas pelas concessões necessárias para se obter um mínimo de governabilidade desses mesmos governos. Esses novos grupos possuem uma dinâmica organizacional diferente, orientada pela ideia de horizontalidade, ou seja, ausência de lideranças explícitas, uma pauta mais restrita e adversários mais difusos, não limitados ao Estado ou às elites, mas a todos que se colocam contra suas reivindicações. Fica implícito, nesses grupos, que o conceito de classe social implodiu, apesar de haver discussões a esse respeito quando algumas pautas se tornam mais visíveis do que outras.

Um traço que une todos esses movimentos é a ideia de que eles estão todos, ideologicamente, no campo da esquerda. No entanto, parece-me que alguns grupos de direita, como o MBL, conseguiram criar uma espécie de simulacro de movimento social, e quando digo simulacro não quero envolver nenhum juízo de valor, mas sim entender como alguns traços dos movimentos sociais de esquerda foram apropriados pelos grupos de direita para se criar esse efeito de sentido identitário (um simulacro) de uma espécie de movimento social da direita. Entendo que esses grupos de direita não podem ser considerados como um Movimento Social efetivo porque, em

primeiro lugar, não se dirigem a um grupo social específico (determinado por critérios como trabalho, gênero ou etnia). Em segundo lugar, porque não há uma pauta clara de reivindicações, somente enunciados vagos e genéricos (“menos imposto, menos Estado, mais Brasil”, “contra a corrupção” etc.), sem uma proposição e um planejamento. Em terceiro lugar, porque não há discussão interna nesses grupos, tampouco assembleias para se definir estratégias e ações. Tudo parece ser realizado pelas lideranças desses grupos de direita, que divulgam manifestações e esperam a vinda de apoiadores eventuais, sem com isso fazer um trabalho de base com o intuito de esclarecer seus pontos e seus valores. Em suma, não há um vínculo afetivo que dê organicidade às estruturas desses movimentos de direita.

Por fim, todo Movimento Social visa eliminar uma falta que lhe é prejudicial. Se não houvesse essa carência, que implica na formulação de diferentes estados passionais para esses sujeitos, não haveria razão de uma organização coletiva existir. No caso dos movimentos de direita, a pauta não se refere a uma falta que os incomoda, mas a concepções abstratas (como o livre mercado, a liberdade individual e o fim da corrupção) que, não necessariamente, serão benéficas a todos, incluindo eles mesmos. Dessa maneira, os grupos de direita parecem ter a função de apenas servir como contraponto aos Movimentos Sociais sem, com isso, estabelecer um debate efetivamente político. Prova disso está no uso intenso das redes sociais, mas na presença apenas pontual no espaço público.

*Como os Movimentos Sociais são noticiados pela imprensa do seu país? Há diferenças entre os veículos? Cite exemplos.*

Se tomarmos a palavra “imprensa” como sinônimo das grandes empresas de comunicação, posso dizer que elas retratam os Movimentos Sociais de modo negativo quando seus próprios interesses de classe estão em jogo. Devemos lembrar que uma empresa de comunicação veicula os valores sociais de seus proprietários. Quando não há essa ameaça, parece haver um discreto apoio ou, pelo menos, uma tolerância maior. Em particular, penso no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

A representação negativa desses Movimentos Sociais ocorre, a meu ver, porque eles tocam em uma questão que não é (nem quer ser) discutida pelos que detêm o poder (e a imprensa faz parte desse grupo): a noção de propriedade privada. Quando se tem dois grupos opostos portadores de pressupostos e de valores sociais distintos em torno de um mesmo tema (a propriedade privada), o diálogo não ocorre. E se não há diálogo, não há também tentativa de se compreender as razões do outro, muito menos de tentar explicá-las à sociedade, o que me parece ser um dos papéis da imprensa, ao menos em um mundo ideal. Desse modo, os meios de comunicação procuram “demonizar” os Movimentos Sociais citados para que eles não obtenham mais apoio da sociedade, que fica limitada, muitas vezes, a ler e a ouvir as mediações realizadas pela imprensa.

Já outros Movimentos Sociais, como o Movimento Passe Livre (MPL), cuja pauta tocava implicitamente nessa questão (a propriedade privada controlando o que eles consideram um

direito), encontram certo acolhimento da imprensa no momento em que outras razões surgem (como no caso do MPL, quando uma jornalista foi atingida no olho por uma bala de borracha atirada por um policial). Além disso, mais do que uma representação negativa, há mesmo uma tentativa de se criminalizar alguns Movimentos Sociais, como foi o caso do pedido de prisão de João Pedro Stédile (líder do MST), em 2008 e, mais recentemente, a prisão de Guilherme Boulos (líder do MTST), amplamente noticiada pelos meios de comunicação, com o apoio de alguns colunistas, como o Reinaldo Azevedo.

Pode-se dizer que a imprensa não prende, mas possui a capacidade de intensificar determinadas imagens que encobrem valores construídos por ela. Esse, inclusive, é um dos papéis dos colunistas que têm a liberdade de emitir opiniões políticas, desde que não desagradem aos seus patrões. Em geral, essas opiniões tendem a somente desqualificar o discurso do outro sem aprofundar a reflexão sobre os desejos e os motivos desses Movimentos Sociais e de suas lideranças. De um modo geral, por exemplo, a *Folha de S. Paulo* procura criar uma imagem de aparente imparcialidade, que percebemos ser apenas um estilo para persuadir seu público-leitor. Digo isso porque é fácil perceber, por meio da frequência de determinadas notícias de capa, de maior visibilidade, que a imparcialidade não existe em nenhuma atividade humana. Pode-se alegar que esse jornal, em particular, acolheu, até pouco tempo atrás, tanto o Boulos como o Kim Kataguiri em seus quadros de colunistas. No entanto, essa é apenas uma maneira de argumentar em defesa da sua suposta imparcialidade. Por exemplo, quando pegamos as reportagens da Operação Lava Jato, as de maior destaque são sempre aquelas que trazem Lula como um dos citados. Os demais são ou ignorados ou têm suas presenças atenuadas na mídia.

Um site como o Manchetômetro, apesar de não tratar dos Movimentos Sociais, poderia realizar um estudo sobre o assunto para confirmar, quantitativamente, o que se apresenta como uma intuição de leitor de notícias, o que é o meu caso. Mesmo nessas condições, é possível afirmar que há um tratamento diferenciado em relação aos grupos da direita e da esquerda cuja construção da imagem, que repercute no imaginário social, ocorre de modo reiterado por diferentes veículos da imprensa.

Os grupos de esquerda, frequentemente, têm sua imagem construída pelo jornal de forma negativa, enquanto os de direita são vistos positivamente. Dada a atenuação da polêmica nos meios de comunicação, o leitor passa a pensar que a negatividade e a positividade atreladas a este ou aquele grupo é uma verdade absoluta e universal, chegando a tomar como natural essas valorações. O que a imprensa não faz, mas deveria fazer, é refletir sobre as condições em que um é provocado e o outro é apoiado quando se manifestam. Basta pensarmos em como a polícia age contra um grupo, enquanto com outro tira fotos. Esse é apenas um dos indicativos de como a opinião pública, formada em parte pelos meios de comunicação, julga os Movimentos Sociais. Além disso, pensando na maneira como as manifestações de 2015 foram divulgadas, a ideia central foi a de que nasceram como um movimento completamente espontâneo. Ainda é preciso fazer um estudo cuidadoso para se examinar como os meios de comunicação, semanas antes das manifestações de 2015, já haviam começado a construir esse clima.

*De alguma forma a imprensa do seu país contribui para a construção de uma imagem estereotipada dos Movimentos Sociais? Cite exemplos.*

Sem dúvida. Precisamos entender um pouco como os estereótipos são construídos. Os estereótipos são significações cristalizadas que orientam a nossa leitura, tanto de textos como do mundo. A cristalização ocorre por meio do surgimento de uma figura fechada que (des)qualifica um determinado grupo social ou uma pessoa, que pode ou não representar um grupo social. O estereótipo, assim, mostra apenas uma faceta de um determinado fenômeno e a transmite como se fosse a única possível. Além de se entender essa imagem cristalizada, precisamos também compreender como o estereótipo se propaga e contagia parte da sociedade. Ele surge com essa figura concentrada (por exemplo, “os integrantes do MST são vagabundos”) e se reproduz em uma cadeia de discursos veiculados por diferentes meios de comunicação: imagens, textos e vídeos.

O problema do estereótipo é que ele encerra qualquer outra forma de reflexão sobre outros sentidos atrelados aos Movimentos Sociais, sejam os valores que os motivam, sejam ações que eles realizam e que podem ser benéficas para parte da sociedade. Esse é o caso, por exemplo, do mercado que o MST abriu no Centro de São Paulo, onde eles vendem, a preços bastante acessíveis, produtos agrícolas sem agrotóxicos produzidos nos assentamentos. Quantos veículos de comunicação noticiaram esse fato? Creio que poucos. Outro aspecto a ser mencionado sobre o estereótipo é que ele não articula somente uma dimensão inteligível da significação, mas também mobiliza paixões individuais e coletivas que repercutem no entendimento e na relação da sociedade com os Movimentos Sociais. Então, quando pensamos em um estereótipo, não o vemos apenas como um processo de cristalização de uma determinada imagem, mas como uma imagem que recebemos já com uma carga moral validada pela sociedade, em geral como uma verdade absoluta, generalizada e muito abstrata. Com isso, a ideia de que é preciso escutar os dois lados de uma história – preceito dos mais fundamentais no bom jornalismo – acaba se tornando somente mais uma das lendas que permeiam essa profissão. Dessa forma, pelo poder financeiro e material, além de uma suposta credibilidade que merece ainda um estudo mais aprofundado, notícias e colunistas dos meios de comunicação conseguem facilmente construir imagens fixas e negativas de personalidades que começam a se destacar como lideranças dos Movimentos Sociais.

A imprensa pode não prender, mas destrói a reputação de quem quiser. Nesse quesito, outro exemplo recente foi o da Elisa Quadros. Sua imagem de líder dos Black Blocs foi construída pela imprensa e hoje ela responde à Justiça, tendo ainda a sua vida social e psíquica destruída, como foi divulgado em entrevista à Agência Pública.

*Consegue identificar as vinculações políticas e ideológicas dos principais veículos de comunicação do seu país? Cite exemplos. Quais as consequências dessas vinculações para as reivindicações dos Movimentos Sociais?*

Inicialmente, precisamos entender que um veículo de comunicação não é uma entidade autônoma desprovida de valores, desejos e projetos. Por trás dessa noção de veículo de comunicação, há grupos de pessoas que se reúnem por meio de vínculos sociais que poderíamos resumir em uma palavra: valor. Tanto em seu sentido econômico, como social, o valor une pessoas em torno de um projeto em comum. O jornal, apesar de ser uma marca, é também uma empresa familiar, ou seja, há pessoas com seus próprios interesses, seus valores e suas redes de relações sociais e econômicas. Assim, as famílias que dominam os meios de comunicação no País possuem valores sociais e econômicos equivalentes. Consequentemente, os veículos de comunicação dos quais são proprietários reproduzem esses valores.

Para entendermos o fato de que os meios de comunicação possuem vinculações políticas e ideológicas, é preciso ainda desconstruir dois enunciados amplamente difundidos pelo senso comum: o da imparcialidade da mídia e o da liberdade de expressão. A mídia constrói seus discursos por meio de efeitos de sentido de objetividade. Contudo, trata-se de uma estratégia discursiva muito simples: basta retirar os elementos linguísticos que marcam a subjetividade do discurso – o pronome “eu”, por exemplo – e colocar no lugar marcas gramaticais de maior impessoalidade – como, por exemplo, a partícula “se”. Só não podemos esquecer que a subjetividade se mantém no discurso, pois é um produto da atividade humana, que sempre tem valores orientando seus discursos, suas preferências, seus gostos e sua visão de mundo. Assim, mesmo com esses efeitos de objetividade, esses discursos se revelam em suas opções por meio dos temas que selecionam e pelas figuras que os recobrem.

Quando trata do MST, um jornal vai noticiar a entrada de integrantes desse grupo em uma fazenda como “invasão”, enquanto o próprio MST vai chamar essa ação de “ocupação”. Para o segundo enunciado, parece-me claro o caso da Maria Rita Kehl, que foi dispensada do já citado *O Estado de S. Paulo* e não teve sua última coluna publicada. Assim, quando falamos em liberdade de expressão, sobretudo nos meios de comunicação, precisamos ter em mente de que se trata principalmente da liberdade de expressão de quem manda e paga os salários dos demais.

Outro passo para se observar os vínculos ideológicos dos meios de comunicação é dado por meio dos editoriais, já que representam o gênero discursivo pelo qual o jornal se posiciona em relação a determinados assuntos. O caso emblemático que consigo me lembrar no momento é do *Estadão*: o seu editorial em apoio a José Serra. Creio até que esse tipo de posicionamento seja saudável, pois deixa clara a opção política do jornal. É uma atitude de respeito aos seus leitores. Porém, não torna possível sustentar o discurso de imparcialidade que os meios de comunicação ainda proferem. Como esse é um tema do qual eles não abrirão mão, podemos observar, em outro nível, como os colunistas se posicionam em relação a assuntos políticos e sociais. Nesse quesito, vemos hoje muitos colunistas que ficaram famosos por comportar, em seu discurso, um componente passional e moral muito forte que pode orientar a opinião pública contra os Movimentos Sociais.

*Há diferença da cobertura dos Movimentos Sociais pela imprensa do seu país e da mídia internacional? Cite exemplos de fatos, protestos e manifestações em que a*

*cobertura nacional foi diferente da internacional, no sentido de criminalizar os Movimentos Sociais.*

No caso do El País, uma análise do grupo proprietário poderia revelar isso. Já o DW e a BBC são companhias públicas que, aparentemente, possuem autonomia e não recebem intervenções de cunho político em seus respectivos países, como acontece com outras redes públicas brasileiras, como no caso da TV Cultura, ou a exoneração feita por Temer do presidente da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), Ricardo Pereira de Melo. O que se pode inferir dessa comparação entre a imprensa nacional e seus equivalentes internacionais é a necessidade de se diversificar os meios de comunicação no País, não para eliminar a mídia mais conservadora, mas para ela entrar em uma concorrência com veículos de comunicação com valores mais diversificados.

De alguma maneira, os sites criados por jornalistas (muitos saídos das redações dos jornais conservadores), como o Fórum, o Diário do Centro do Mundo, a Mídia Ninja, o Conversa Afiada, o Viomundo, entre outros, auxiliam nesse processo de diversificação de fonte de informação e de formação de opinião a respeito de temas sociais e políticos no País, apesar de ainda estarem muito distantes do poder e da audiência dos meios de comunicação privados.

*Qual a importância da imprensa para os Movimentos Sociais e quais as estratégias de comunicação possíveis de serem adotadas para se dialogar diretamente com a sociedade? Cite exemplos.*

Creio que a imprensa é de pouca valia para os Movimentos Sociais. Mas é apenas uma opinião pessoal, baseada na percepção de uma prática comunicacional de movimentos sociais históricos. Por exemplo, antes, os sindicatos usavam panfletos para se comunicar entre si e com a população; agora, é a mídia digital (blogs, por exemplo) e as redes sociais digitais. Isso não significa que um meio esteja substituindo outro. Pelo contrário, creio que as tecnologias digitais podem conviver com práticas mais sedimentadas, como o panfleto e o piquete. Interessante seria pensar na subversão que os Movimentos Sociais poderiam realizar em certos gêneros publicitários, como os veiculados no YouTube ou no Facebook, mas creio que eles seriam rapidamente bloqueados e censurados por essas plataformas.

Outra possibilidade que me atrai, por ainda não ter visto, é o de se usar o humor, como o existente em alguns canais no YouTube. Essa seria uma forma de manifestação e de presentificação em espaços digitais nos quais os Movimentos Sociais ainda estão muito restritos, quase em guetos. Ademais, seria uma espécie de *tática*, nos termos de Michel De Certeau, que pode ser definida como a prática planejada do mais fraco, ocupando provisoriamente o lugar instaurado pelo outro e utilizando as potencialidades do sistema controlado pelos que estão no poder.

De qualquer forma, por mais que táticas de comunicação sejam importantes, creio que o trabalho de base, como era feito antigamente, ainda é o melhor elemento para se dialogar com a sociedade, pois o diálogo pressupõe também ouvir o outro. Um gesto importante foi feito recentemente com a pesquisa da Fundação Perseu Abramo para conhecer um pouco mais sobre

o que pensa o morador da periferia, já que o PT foi surpreendido nas últimas eleições municipais na capital paulistana. Mas é preciso ter consciência de que esse gesto – o de conhecer as razões e os desejos do outro – ainda não basta. É preciso também pensar em modos de mostrar para a periferia, local onde se concentra o maior número de sujeitos espoliados de direitos básicos, que o coletivo deve predominar em relação ao individual, que prevalece principalmente atrelado ao crescimento das igrejas neopentecostais (e sua teologia da prosperidade) e com a ideologia do empreendedorismo (ou seja, todo indivíduo é um empreendedor).

Essa é uma disputa em que discursos persuasivos e bem elaborados serão decisivos, sem nenhum juízo de valor, já que todo e qualquer discurso é persuasivo. E só se poderá mudar essa postura da periferia com um trabalho de base que vise a retomada do espaço público, pois é na rua que as potencialidades dos desejos e do diálogo com a diversidade podem se concretizar e se efetivar em um novo estilo de vida, usando, é claro, os recursos que as mídias digitais também oferecem atualmente. Menciono com mais ênfase a periferia porque creio que os Movimentos Sociais, independentemente de suas pautas, necessitam sair um pouco dos limites de seu próprio universo para angariar apoio das parcelas não organizadas da sociedade.

*Como coordenador do atelier "Da interação ao contato com o outro: alteridade nas tramas dos sentidos", ligado ao Centro de Pesquisas Sociossemióticas (CPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), relate suas experiências dentro desse grupo e como este tem apreendido a história recente dos Movimentos Sociais e suas respectivas mobilizações populares. Justifique sua resposta com exemplos e fatos.*

Na verdade, o atelier que eu coordeno está mais interessado na ocupação de minorias diversas no espaço público, em especial os imigrantes e os refugiados. A partir de nossos trabalhos de campo, depreendemos aspectos políticos, como o papel da prefeitura no maior ou menor acolhimento a esses grupos, nos tipos de apoio que ela pode ofertar, o papel das organizações não governamentais etc. Além disso, observamos, por meio da análise de textos da área de comunicação, como a sociedade brasileira representa e (des)valoriza os imigrantes e refugiados.

Ainda na PUC-SP, faço parte de uma pesquisa intitulada "Os afetos na política", liderada pelo Prof. José Luiz Aidar Prado, na qual examinamos as páginas no Facebook de Movimentos Sociais como Frente Brasil Popular, Povo Sem Medo, Movimento Passe Livre, entre outros, a partir dos últimos acontecimentos políticos, como as Jornadas de Junho de 2013 e as Manifestações de 2015. Analisamos também as páginas de grupos de direita, como Vem Pra Rua e Movimento Brasil Livre, que obtiveram muita visibilidade e repercussão em suas páginas nas redes sociais digitais. De um modo bem geral, pois a pesquisa ainda está em andamento, observamos que os grupos de direita se organizam em torno de valores de absoluto, o que na semiótica discursiva quer dizer valores de unidade, ou seja, de uma certa homogeneidade fechada de significações com base na exclusão de determinados elementos, enquanto os movimentos de esquerda se formam a partir de valores de universo, ou seja, de valores assentados na abertura e na diversidade. Os afetos se constituem,

assim, baseados nesses valores: nos valores de absoluto, temos um crer intensificado, totalmente fechado a outras possibilidades de sentido, que vincula, de modo igualmente intenso, o sujeito a seus valores, que se desdobram, entre outras paixões, nos discursos intolerantes e de ódio em relação ao outro, à alteridade. Com isso, surgem temas vinculados à violência política e social (“vagabundos devem apanhar”, “bandido bom é bandido morto”, entre outros).

No caso dos valores de universo, os afetos se relacionam a paixões de solidariedade e de resistência, de abertura ao outro para englobá-lo na luta contra os desmandos. Nos temas, a ideia que predomina é a da união das pessoas de origens diversas, pois somente a maioria pode conquistar o que lhe falta. Dessa maneira, atentamos para um aspecto aparentemente relegado a um segundo plano: as paixões na política. Ao lado da noção de valor, as paixões são, em meu entendimento, um dos traços mais pertinentes do campo político. Inclusive, para o País retomar a normalidade necessária para colocá-lo de volta ao caminho que estava trilhando, será preciso atenuar a manifestação de algumas paixões para que o outro deixe de ser considerado um inimigo e passe a ser visto como um adversário em torno da disputa pelo poder orientada por regras democráticas claras a serem respeitadas.

*Na condição de semioticista, pesquisador que apreende os efeitos de sentido produzidos pelas palavras, como tem analisado as ações da mídia impressa e audiovisual na veiculação dos fatos referentes aos recentes escândalos políticos envolvendo corrupção? Justifique sua resposta a partir do fenômeno da Criminalização dos Movimentos Sociais e das Manifestações de Rua.*

Os meios de comunicação construíram o conceito de que um único partido é responsável pela criação da corrupção no País. Nesse quesito, essa ideia é produto do que chamamos, em semiótica, de uma triagem, ou seja, da seleção de determinados elementos de uma dada grandeza (referindo-se, aqui, ao campo político) para se criar um sentido único e intenso, no caso, de um único partido político, cuja correspondência discursiva é encontrada nas falas dos movimentos de direita. Desse modo, no universo de sentidos que engloba os corruptos, seleciona-se somente aqueles que fazem parte de um mesmo partido. Ao lado dessa operação, os meios de comunicação também preenchem o papel de observador moral, cuja responsabilidade é a de validar ou desvalidar determinadas paixões. Desse modo, paixões de ódio, anteriormente abafadas, foram vistas nas ruas e enunciadas sem qualquer tipo de pudor e, em alguma medida, valorizadas por parte da sociedade com o aval (ou, pelo menos, a indiferença) dos meios de comunicação.

Esses elementos, associados aos efeitos de objetividade já mencionados, fizeram com que os meios de comunicação tirassem o peso da discussão política efetiva para colocar no lugar um processo de moralização desse campo de atuação. Por meio desse procedimento discursivo, leva-se a crer que os únicos culpados são os outros, sobretudo os que se organizam e lutam, ou seja, aqueles que colocam na arena pública valores diversos dos que orientam os proprietários das empresas de comunicação e da elite do País em geral. Como muitos Movimentos Sociais estão

historicamente vinculados ao PT, os meios de comunicação os tomam como se formassem um bloco homogêneo de “maldades” e de tudo que não deve ser feito para a Nação.

Assim, políticas sociais realizadas pelo governo do PT, cujos beneficiários são, em parte, os Movimentos Sociais organizados, foram sancionadas negativamente pelos meios de comunicação. No entanto, essa construção disfórica se aplica também à parcela da sociedade não organizada e que, muitas vezes, está alheia à disputa política. Lembro-me, por exemplo, da capa da *Veja* que denunciava o suposto fracasso das políticas de cotas raciais para ingresso na universidade, baseado num único problema que ocorreu na UnB (quando um de dois irmãos gêmeos foi considerado negro, enquanto ao outro foi negada essa condição). Ao observarmos as manifestações de 2015, em que a classe média foi à rua para pedir a saída de Dilma, vimos exatamente o contrário: a sanção dos meios de comunicação beirou ao exagero, sobretudo quando lembramos a euforia de alguns colunistas televisivos (onde ficou a imparcialidade mesmo?). Nesse acontecimento, vemos também como os meios de comunicação se posicionaram: em 2015, era o povo brasileiro que ocupava as ruas; em 2013, e em outras manifestações pontuais, eram os chamados manifestantes (quando não baderneiros).

*Segundo seu ponto de vista, há diferenças epistemológicas e práticas entre os conceitos de Movimento Social e Manifestação de Rua? Comente sua resposta a partir da crítica à diluição conceitual vigente em diversas frentes teóricas da contemporaneidade.*

O cenário dos Movimentos Sociais no Brasil apresenta um panorama bastante complexo. Há desde movimentos com práticas bem conhecidas, que revelam filiações reivindicatórias históricas, ao lado de grupos que trazem novidades em termos de práticas de visibilidade e exigências bem delimitadas. Em meu entendimento, precisamos pensar nos Movimentos Sociais a partir de duas características: uma, pelas pautas que os definem e os mobilizam; outra, pelo contexto político e social no qual se inserem. Parece-me que há, no Brasil, uma coexistência entre duas tradições de manifestação e uma novidade: a primeira forma de movimento social surge nos sindicatos e tem sua importância na luta durante a ditadura pela melhoria das condições de emprego dos trabalhadores. Há, nesse movimento sindical, uma tradição de se trabalhar na base, ou seja, na formação política, com viés marxista, dos trabalhadores. Dito de modo grosseiro, nesse grupo, o que predomina é a noção de luta de classes, isto é, de que a ideologia das classes dominantes deve ser questionada e revertida para que os trabalhadores tomem consciência da sua situação de exploração. A segunda tradição que orienta os Movimentos Sociais no Brasil parece ser aquela que vem dos EUA e que surgiu nos anos 1960: trata-se dos movimentos pelos direitos civis, encabeçados pelo movimento negro, que começou a ganhar força na luta pelo direito dos negros no Brasil, mas que atualmente se imiscuiu também em outras minorias (minorias no plano simbólico): mulheres, homossexuais, transgêneros, indígenas, entre outros. Nesse grupo, busca-se exigir a realização de direitos previstos em lei e, quando não os há, força-se a mudança da lei. Ela tem um caráter mais identitário, de reconhecimento do outro e do respeito que se deve ter com eles. Também dito grosseiramente, apesar de haver dentro desses

grupos uma grande variedade de proposições, a questão da luta de classes fica em segundo plano. Não há o vislumbre de uma revolução, mas sim da criação efetiva de um estado de bem-estar social e de uma perspectiva igualitária no espaço público e de liberdade no espaço privado individual.

No meu entendimento, essa é a linha do MPL, muito ligado, em sua organização, a movimentos contemporâneos, como o *Ocuppy*. Essa seria, digamos, uma diferença paradigmática interna à definição de Movimento Social. Esses movimentos tornam-se Manifestantes de Rua quando se organizam para ocupar o espaço público por meio de passeatas ou de ocupações. Essa seria uma definição sintagmática dos Movimentos Sociais e sua parte mais visível. Agora, pode-se também fazer, a partir das Manifestações de 2015, uma distinção entre Movimentos Sociais e Manifestantes de Rua. Isso ocorre porque aqueles que foram para a rua manifestar contra Dilma Rousseff tinham uma prática pontual, pois não faziam parte de nenhum Movimento Social conhecido. Essa é uma das razões para a presença de tantos discursos diferentes em torno de um mesmo tema, o que revela certa desorganização desses manifestantes. Já um movimento organizado, como o da reivindicação pelo direito à moradia, envolve toda uma narratividade que desvela os valores hegemônicos na sociedade brasileira atual, nesse caso a mercantilização do sistema habitacional e o conseqüente planejamento das cidades brasileiras em direção a um amplo processo de gentrificação, cuja conseqüência é a expulsão de pessoas dos bairros centrais inicialmente deteriorados que passaram a ser valorizados por novos empreendimentos imobiliários, atraindo pessoas com melhor poder aquisitivo e elevando o preço de alugueis a ponto de, nesses lugares, tornar-se inviável manter uma habitação para os moradores mais antigos. Desse modo, parece-me que os Movimentos Sociais, em toda a sua diversidade de pauta, têm como principal elemento a transformação dos valores da sociedade. Trata-se, como se diz em semiótica, de uma recusa a essa forma hegemônica, orientada pelo capital, de encarar a vida e os direitos civis mínimos.

Os movimentos sociais não possuem uma forma *standard* também quando pensamos em sua organização. Há movimentos com uma estrutura mais tradicional, como o já citado MTST, cuja coletividade gira em torno de uma liderança mais visível (o mesmo pode se dizer, por exemplo, do MST). Mas há também movimentos que se intitulam mais horizontais e, por essa razão, sem lideranças, como o MPL, também já citado. Valeria a pena pensar nesses grupos como coletividades aparentemente mais orgânicas, mas ainda acho difícil que um movimento social se sustente por muito tempo somente com a horizontalidade plena, pois haveria ao menos um núcleo pensante e propositor, constituído por “n” pessoas, que decidiriam os rumos do movimento, criando uma discreta ondulação nessa horizontalidade.

De qualquer forma, penso que o modelo mais tradicional, com o surgimento de uma liderança, também traga alguns problemas, principalmente quando se trata de uma figura que pode abafar, eventualmente, o surgimento de outras lideranças dentro do movimento. Nesse amplo panorama de Movimentos Sociais, entendo que ainda é preciso um diálogo maior entre os grupos para eliminar as barreiras e aumentar a participação desses sujeitos em torno de pautas mais amplas e coletivas, que podem beneficiar uma parcela maior da sociedade brasileira.

*A partir de sua atual pesquisa sobre as mobilizações populares, pode-se dizer que as Jornadas de Junho, ocorridas em 2013, se diferenciam ou não das anteriores, como, por exemplo, as Diretas Já (1983-1984) e o Impeachment de Collor de Mello (1994)? Justifique sua resposta.*

Há uma série de diferenças. Inicialmente, as Diretas Já não tinham como foco uma figura política, e conseqüentemente pública, mas sim o desejo da sociedade em restabelecer as regras democráticas no País, após décadas de ditadura militar. Assim, o que motivava as pessoas a protestar, apesar de todo o perigo envolvido naquele momento de proibição de manifestações e greves, era um tema, ou seja, uma ideia abstrata de democracia, mas com repercussões na vida de toda a sociedade. Os sujeitos que participaram da Diretas Já eram, de certa forma, políticos e personalidades que apresentavam e apresentam ainda uma certa formação e atuação política, apesar de na época não fazerem, todos, parte de partidos políticos. Há ainda o papel dos sindicatos na época, espaços de onde saiu Lula e outras figuras políticas importantes.

No caso do Impeachment do Collor, a figura política estava lá bem concreta e definida. O principal grupo que mobilizou os protestos foi a União Nacional dos Estudantes (UNE). Não houve, efetivamente, uma grande participação da sociedade, apesar de o apoio a Collor ter decaído muito, principalmente por causa das denúncias de corrupção na mídia envolvendo o seu governo e, é claro, pela falta de um apoio parlamentar mais consistente, já que ele chegou ao poder por um partido pequeno e com o forte apoio dos meios de comunicação e principalmente pela Globo. Nessa configuração, parece-me que a deposição de Dilma se assemelha mais ao Impeachment do Collor, mas com os polos ideológicos invertidos: um presidente conservador (apesar da imagem de modernidade que ele tentava transmitir) enfrentou protestos de uma entidade historicamente de esquerda (a UNE), enquanto uma presidente progressista (apesar das concessões feitas ao grande capital) encarou manifestações da parcela conservadora da sociedade ao mesmo tempo em que perdia o apoio no Congresso, em um ato de traição política. No entanto, as semelhanças terminam aqui, pois o que houve foi um golpe, nos moldes de 1964: sem qualquer indício mais consistente de crime, como Collor tinha, Dilma foi deposta de seu cargo por um grupo político dotado de outros interesses.

Voltando à comparação entre os dois eventos políticos mencionados na pergunta, temos uma outra diferença relacionada ao objeto a ser alcançado ou refutado: enquanto as Diretas Já visavam transformar a sociedade por meio da retomada de um regime político, o Impeachment de Collor foi um movimento que intentava retirar o presidente do poder e, em parte, restabelecer uma certa moralidade na política, algo que efetivamente não ocorreu. Em termos de práticas de manifestação, também houve uma diferença perceptível: nas Diretas Já, as pessoas se concentravam em amplos espaços (como a Praça da Sé, em São Paulo) diante de um palanque onde determinadas personalidades expressavam seus desejos por democracia. No caso do Impeachment de Collor, eram feitas manifestações com pessoas caminhando atrás de um carro de som, percorrendo grandes vias, como foi o caso da Avenida Paulista.

Os movimentos atuais, como as Jornadas de Junho, também refletem mudanças nas práticas da manifestação popular de rua. Basta observar como, em sucessivas manifestações, os grupos procuraram ocupar outros espaços da cidade, muitos dos quais nunca haviam sido usados, como o Largo da Batata e a Ponte Estaiada. Além disso, marcar o início das manifestações logo após o chamado horário comercial também mostrou a inteligência tática do movimento. Em meu entendimento, ocupar novos lugares da cidade demonstraram uma homologação entre esses espaços e as novas práticas que as manifestações contemporâneas criaram, como o uso da internet para discutir e convocar mobilizações e a própria horizontalidade da estrutura de alguns Movimentos Sociais que dela participaram. Logo, as Jornadas de Junho marcaram o ser e o fazer das manifestações de rua no Brasil contemporâneo.

*Durante a história dos Movimentos Sociais, muitos foram os perfis dos manifestantes e dos partidários políticos. Como pode ser entendido, teórica e empiricamente, o perfil dos participantes das recentes manifestações políticas em seu país? Comente em sua resposta os perfis dos manifestantes das Jornadas de Junho de 2013 e dos participantes dos Protestos de Março de 2015.*

Inicialmente, as Jornadas de Junho de 2013 eram formadas por um único Movimento Social que cresceu e também contou com o apoio indireto dos meios de comunicação a partir da divulgação massiva da agressão à repórter da *Folha de S. Paulo* nas redes sociais digitais, em especial pela Mídia Ninja. Depois, outros grupos, mais à direita, tomaram as manifestações de 2013, e o que se viu foi um concerto polifônico de pautas e reivindicações, muitas das quais de cunho pessoal, ou seja, pouco articuladas coletivamente.

Na de 2015, as maiores manifestações e as mais cobertas pelos meios de comunicação eram de grupos mais conservadores. Um dado interessante revela que as pessoas que foram para as ruas nas Manifestações de 2015, em geral, não se assumem como de direita. Elas procuram se afirmar como “brasileiras” e como “pessoas de bem” que se manifestam em prol do País, como se outras pessoas não tivessem essas qualidades ou os mesmos propósitos. Essa é uma estratégia interessante para delimitar a identidade coletiva desse grupo, como se eles não fossem apenas parte da sociedade (e com valores e interesses próprios de sua classe social), mas uma totalidade integral, ou seja, como se fossem o País inteiro a protestar e a exigir determinadas ações no campo político (particularmente, a deposição de Dilma Rousseff).

Uma outra forma de discurso que está em consonância com a construção dessa identidade aparece nos cantos entoados: o Hino Nacional Brasileiro. Essa identidade coletiva, inclusive, possui um outro símbolo muito bem delimitado: o uso do uniforme da seleção brasileira ou de roupas que remetem a essa “entidade” nacional. Se, cromaticamente, a identidade desse grupo se confunde com elementos nacionais, os manifestantes das Jornadas de Junho de 2013 não tinham a mesma preocupação, apesar de haver uma predominância, nas imagens veiculadas pelos meios de comunicação, do vermelho e do preto. Por meio de fotos difundidas principalmente nas redes sociais digitais, podemos depreender um perfil mais conservador dos

manifestantes de 2015 e um perfil mais progressista dos manifestantes de 2013 (ao menos em sua fase inicial).

Penso também que os Protestos de Março de 2015 só surgiram porque houve antes as Jornadas de Junho de 2013. Este, de certa forma, criou as condições para a realização daquele. Em outras palavras, 2013 foi uma espécie de laboratório para que a direita saísse às ruas e percebesse que não teria uma reação à altura dos Movimentos Sociais de esquerda. Nesse quesito, creio que a esquerda (partidária, ou não) falhou em sua leitura sobre os eventos de 2015 por estar ainda muito ligada à crença de que o jogo democrático não seria maculado, como acabou sendo efetivamente e de forma muito eficiente pelo grupo que está agora no poder. Faltou, também, no meu entendimento, um diálogo maior entre os diferentes grupos de esquerda para articular estratégias mais efetivas a fim de impedir a chegada desse acontecimento, cujos efeitos continuamos a sentir até os dias atuais.

*A partir do referencial teórico da semiótica da Escola de Paris, pode-se dizer ou não que houve um maior predomínio das paixões malevolentes nas Jornadas de Junho de 2013 do que nos Protestos de Março de 2015? Dentre as paixões possíveis e apreensíveis nas falas e nos textos dos manifestantes dessas mobilizações populares, qual é a mais recorrente e, portanto, mais presente? Cite exemplos para confirmar suas hipóteses.*

Para fazermos uma comparação entre as manifestações de rua de 2013 e 2015, precisamos antes entender a sintaxe das manifestações de 2013 e como ela pode ser dividida. A partir daí, podemos compreender como as manifestações mobilizaram determinadas paixões. As manifestações de 2013 foram iniciadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) que, como todos sabem, tem uma pauta única, clara e bem definida: o transporte público gratuito como direito fundamental. Com as chamadas para as manifestações, em 2013, inicialmente elas foram reprimidas pela força policial em um esquema bastante claro: de um lado, um grupo de manifestantes reivindicando ao poder público o atendimento de sua pauta.

De outro, a polícia, como braço armado do Estado, que agiu de forma excessiva e violenta contra os manifestantes. Essa atitude da polícia só poderia levar a uma paixão do ressentimento, entendido como uma falta que leva o sujeito agredido a rever suas práticas e a revidar a violência sofrida, atitude que os meios de comunicação denominaram de vandalismo. Aqui temos uma paixão malevolente, ou seja, que visa fazer mal a um outro. A diferença é que essa paixão malevolente pode ser justificada, a depender do ponto de vista adotado (e que não é, obviamente, o da mídia). Com a agressão a atores que não estavam envolvidos diretamente nas manifestações, como os jornalistas, as manifestações de 2013 tomaram corpo, receberam apoios diversos e começaram a abrigar todo tipo de manifestante, não acolhendo necessariamente os mais interessados no atendimento da reivindicação do MPL. Essa segunda etapa das manifestações de 2013 marca, de modo mais claro, algumas paixões malevolentes, direcionadas principalmente para a esquerda e para o governo federal.

Houve, como um traço invariante dos discursos malevolentes: a questão do ódio. Essa paixão é interessante, nesse contexto, porque revela os estados passionais de determinados sujeitos sociais – como a classe média ressentida com as políticas sociais e rancorosa contra quem as implementou. Mas a paixão do ódio é igualmente perigosa pelo que pode levar a uma ação de agressão e desejo de eliminação do outro, ou seja, daquele que não faz parte da mesma coletividade do odioso. É igualmente perigosa a paixão do ódio porque ela pode vir acompanhada da paixão do medo, revelada por enunciados como “quero de volta minha liberdade de expressão” e coisas similares, que indicam um simulacro de perda que muitas vezes não corresponde ao que de fato está ocorrendo (como o medo de perder supostos privilégios de classe).

Há paixões de ódio do grupo à direita em relação ao ex-presidente Lula que são tematizadas e figurativizadas por léxicos como “ladrão”, “vagabundo”, por exemplo. Chegou-se ao ponto de, em uma das manifestações de 2015, pendurarem bonecos de Lula e de Dilma em uma ponte, como se tivessem sido enforcados. Essa imagem representa o quê? Um ódio extremo contra essas figuras a ponto de se figurativizar e materializar o desejo de matá-los. Como uma forma mais tênue desse ódio, vimos a construção de determinados estereótipos, como o do mortadela (em oposição ao coxinha), o boneco do Lula vestido como presidiário etc. Além disso, são as paixões malevolentes, como a intolerância, uma forma específica de ódio, que faz com que as discussões políticas se limitem, muitas vezes, a desqualificações da fala do outro, ausência de diálogo, divisões entre grupos (o “nós” contra o “eles”) e a busca por sempre “vencer” uma discussão ao invés de se aprender com o ponto de vista do outro. As paixões malevolentes, em geral, decorrem da ausência de diálogo entre as partes e do predomínio de simulacros negativos nas interações intergrupais. Como disse, é preciso atenuar as paixões mais intensas para restabelecer alguns princípios de convívio, seja no espaço público, seja no espaço das relações privadas.

*Ainda sobre os pressupostos teóricos da semiótica de linha francesa, quais seriam as paixões benevolentes mais presentes nas manifestações de rua recentes? Comente sua resposta considerando os protestos em prol dos direitos humanos, da preservação dos recursos naturais e da defesa dos animais em extinção, dentre outros.*

Sim, podemos pensar também em algumas paixões benevolentes. Nesse caso, precisamos também determinar o ponto de vista dessas paixões, uma vez que há paixões benevolentes internas aos grupos sociais e aquelas que são responsáveis pela criação e manutenção de vínculos identitários. Encontramos, então, paixões benevolentes nos grupos de direita e de esquerda. Em ambos os casos, há uma paixão da solidariedade entre si e, em alguns casos, de admiração em torno de uma figura central, como o ex-presidente Lula e o deputado federal Jair Bolsonaro. É claro que essas duas figuras, conseqüentemente, produzem diferentes paixões nos grupos opostos. No entanto, as igualdades terminam aqui. Quero dizer com isso que as paixões benevolentes apresentam discursos diferentes.

No lado do Lula, há paixões benevolentes mais diversificadas pelo que ele realizou: um sujeito que implantou políticas que diminuíram as diferenças sociais no País, criou oportunidade para jovens pobres ingressarem no ensino superior público e tirou muitas pessoas da miséria extrema. No caso de Bolsonaro, as paixões benevolentes de seu grupo têm um traço de homogeneidade porque os sujeitos apaixonados pela figura de Bolsonaro são semelhantes a ele: intolerantes, homofóbicos, machistas. Em geral, são também homens com valores conservadores, supostamente cristãos e de classe média com um certo fetiche militarista, o que pressupõe o desejo pela hierarquia e pela ordem autoritária, ou seja, que não aceita contestação e dúvidas quanto à adesão ao grupo. A rigidez e a disciplina podem, portanto, se encaixar também na definição de paixão. Assim, de um lado há uma certa felicidade em torno da imagem do Lula que se contrapõe à rigidez disciplinar dos que estão ao lado do Bolsonaro. E quando este último grupo tenta demonstrar certa felicidade, parece-me algo que beira a histeria coletiva própria de sujeitos desequilibrados.

O problema dessas paixões na política é que, nos casos mais extremos dos dois lados, o espaço para crítica é diminuto, apesar de haver uma tendência à esquerda de ser mais tolerante a uma reflexão crítica sobre os limites da política econômica e social dos anos petistas no governo federal. Obviamente, para os casos extremos, podemos encontrar também posturas mais equilibradas, que visam a uma discussão mais ponderada por sujeitos que se orientam por uma disposição passional mais acolhedora, de entendimento das razões do outro, mesmo que haja discordância de opiniões. Em suma, uma postura de tolerância, entendida igualmente como uma paixão benevolente.

Dentre as manifestações mencionadas nas perguntas, creio que podemos encontrar paixões benevolentes que oscilam entre a preocupação com o rumo do mundo e de alguns de seus sujeitos. A solidariedade, aqui, se diferencia da existente na política porque se dirige a grupos que se encontram em uma posição desfavorável e cuja situação causa certa comoção, ainda que átona, em algumas pessoas. Nesse caso, a solidariedade se encontra com a piedade, entendida como uma compaixão pela condição do outro, sendo esse outro uma pessoa, um animal ou o destino do mundo. No entanto, podemos encontrar entre esses sujeitos solidários uma postura mais firme e enérgica quando é necessário defender seu ponto de vista.

Não há, obviamente, a transformação da paixão benevolente em paixão malevolente, mas uma paixão da firmeza que remete ao que Norberto Bobbio chamou de intolerância positiva: a convicção necessária para evitar que uma intolerância negativa surja e prejudique um número maior de pessoas. Talvez esse seja o caminho para que as esquerdas voltem ao jogo político e, assim, possam contribuir para colocar o País e a sociedade novamente nos trilhos civilizatórios mínimos, abandonando os valores e as paixões daqueles que só pensam em excluir os que já são historicamente excluídos da sociedade.

### *Considerações finais*

Entendo que o fenômeno dos protestos e das manifestações vistos no País, nos últimos anos, deve ser encarado de forma positiva, apesar de considerar também a necessidade de alguma preocupação pelo nosso porvir. Tentei aqui mostrar que há um jogo entre variações e invariâncias constitutivas desse fenômeno político e social que reconheço ter apenas tocado em sua superfície. Se podemos tirar algo de positivo em tudo isso, independentemente da opção política e ideológica de cada um, é o fato de que vemos e vivemos hoje no Brasil uma explicitação da dimensão polêmica que existe em qualquer sociedade minimamente organizada.

O mais importante nesse momento é ajustar o intervalo que separa um polo de outro, atenuar as paixões malevolentes e sentar à mesa para discutir saídas democráticas para o impasse que atualmente existe no País. Esse seria um passo civilizatório, cujo pressuposto deve ser o de reconhecer que o outro, apesar das diferenças, tem o direito de divergir de mim, mas dentro de limites estabelecidos pela urbanidade. Creio que entender os valores e as paixões que estão em jogo nas manifestações sociais cumpre um primeiro objetivo: a identificação dos grupos intolerantes. Esse é o primeiro passo, para saber com quem discutir, ou não. O próximo, ainda por ser dado, é o de compreender que há diferenças que podem provocar uma reflexão produtiva sobre os valores e as paixões que fazem com que eu me identifique com meu próprio grupo e me restrinja em relação a outros grupos sem, com isso, odiá-los.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos,

**PAULO FREIRE (Pedagogia do Oprimido)**



Universidade de Brasília

